

Sexualidade e erotismo nas crônicas “A Mulher Madura” e “Como namoram os animais”, de Affonso Romano de Sant’Anna: transformações nos relacionamentos na sociedade pós-moderna.

Daniela Maria Nazaré da Silva Cândido¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir como são representadas as mudanças de comportamento humano nos relacionamentos amorosos, por meio de duas crônicas: “A mulher Madura” e “Como namoram os animais”, de Affonso Romano de Sant’Anna. A partir da ótica de Giddens, que estuda as transformações da sexualidade que ocorrem na sociedade, serão exploradas questões de emancipação feminina, heterossexualidade e homossexualismo nos textos que compõem o *corpus* deste artigo.

Palavras-chave: Relacionamentos; amor; sexualidade.

ABSTRACT

This paper aims to discuss how they are represented changes in behavior human in romantic relationships, through two chronicles: "The mature woman" and "How to make love animals," by Affonso Romano de Sant'Anna. From the perspective of Giddens, who studies the changes in sexuality that occur in society will be explored issues of female emancipation, heterosexuality and homosexuality in the texts that comprise the *corpus* of this article.

Keywords: Relationships; love;sexuality

A igualdade tão buscada pelas mulheres em relação aos homens ainda não foi totalmente conquistada, porém, a liberdade adquirida até agora, muitas vezes, tem sido a causa de atritos em relacionamentos amorosos, principalmente quando se trata da relação heterossexual.

A maioria dos homens reconhece que a figura feminina tem agido diferente de mulheres de tempos anteriores, que tinham como meta de vida encontrar um príncipe encantado para se casar, e com ele perder sua virgindade, mas ao mesmo tempo, muitos também têm sentido dificuldades em saber lidar com essas situações.

É o que podemos confirmar no texto “Experiências do Cotidiano, Relacionamentos, Sexualidade” de Giddens que analisa o romance *Before She Met Me* de Julian Barnes,

¹ Daniela Maria Nazaré da Silva Cândido é aluna do Programa de pós-graduação em Estudos Literários da UEL.
dmnazare@yahoo.com.br

demonstrando que o personagem Graham, ao se casar pela segunda vez se sente incomodado ao saber que sua nova mulher havia tido relacionamentos sexuais com variados homens antes de se unir a ele. Giddens expõe o caso de ter acontecido uma tragédia no final da narrativa porque Graham não conseguiu lidar com o passado de sua esposa Ann. Ao descobrir que ela teve um caso com um amigo dele, chegou ao extremo de matá-lo e mesmo sem haver planejado, acabou assassinando-a também.

Giddens afirma que “esta é uma novela sobre a inquietação e a violência masculinas, em um mundo social que passa por profundas transformações”. (GIDDENS, p. 18, 1993.). Daí o resultado dos conflitos, pois as mulheres desta nova sociedade já não aceitam a dominação masculina, enquanto os homens, de certa forma, ainda lutam para superar os preconceitos que eles próprios percebem não ser mais cabíveis num período de tantas mudanças.

Assim, a independência feminina na profissão, na política, na educação, em todas as áreas, se reflete no relacionamento amoroso. Elas não mais alimentam a ideia de que estão fadadas a “ser de homem só” durante a vida inteira e, tampouco, aceitam como se aceitavam antes, a crença de que para um homem considerado “saudável” era comum que ele tivesse relacionamentos com variadas mulheres.

Essa nova visão é bem representada na crônica de Sant’Anna, *A Mulher Madura* (1985), em que o narrador descreve as qualidades das mulheres maduras em geral, ou seja, quando o leitor se depara com o título, a princípio acredita que a crônica vai se referir a uma determinada mulher individualmente, mas no decorrer da leitura, se descobre que ocorre uma comparação a partir dos olhos de quem narra, entre a mulher que está no período da maturidade e a que está ainda em fase de formação e aprendizagem.

Com as mudanças ocorridas no mundo, na maioria das sociedades há uma inversão de valores. O casamento para sempre deixou de ser prioridade, o conceito de família padrão como pai, mãe e filhos, deixou de existir, podendo ser substituído, por exemplo, por mãe, mãe e filhos. Essas entre outras coisas acarretaram na facilidade encontrada pelas pessoas por não mais lutarem para manter relacionamentos duradouros.

Na crônica de Sant’Anna, percebe-se como o narrador está preocupado em evidenciar as virtudes de uma mulher que deixou de ser menina e expõe as vantagens em esperá-la chegar à fase da maturidade, fato que o admirador da mulher madura, acredita não estar mais acontecendo e por isso lamenta: “o primeiro namorado ou o primeiro marido não sabem o que perderam em não esperá-la madurar.” (SANT’ANNA, p. 11, 1986.).

Com este mesmo trecho, se expõe a fragilidade dos relacionamentos, pois quando se sabe que houve “o primeiro namorado” ou “o primeiro marido” na vida da mulher madura, pressupõe-se que outros namorados e outros maridos vieram depois. Este fator mostra, além da facilidade que os indivíduos adquiriram em trocar de parceiros, a igualdade conquistada pelas mulheres, que também trocam de namorados e não mais se sentem na obrigação de manter um casamento durante toda a vida, privando-se de casar-se mais de uma vez.

Giddens afirma que as mulheres não mais toleram que os maridos tenham relações extraconjugais, pois não aceitam a desculpa de que eles necessitam de variedades. Esta intolerância é retratada na crônica de Sant’Anna, em que o narrador diz que a mulher madura não aceitou a traição de seu amante, seja marido seja namorado, assim como também, não se privou de ter relacionamentos com outros homens: “Ela conheceu a traição e ela mesma saiu sozinha para se deixar invadir pela dimensão de outros corpos.” (SANT’ANNA, p. 10, 1986.).

Dessa forma, na crônica é retratada uma sociedade que pouco conserva um amor romântico de que discorre Giddens, que afirma que este tipo de amor, no meio social da atualidade, tende a se fragmentar por não ser compatível com a “emancipação e autonomia sexual feminina”.

Assim, a mulher madura representada na crônica é o retrato das mulheres da atualidade que são adeptas do amor confluyente por não mais desejarem ou lutarem para manter um “amor” para sempre:

O amor confluyente é um amor ativo, contingente, e por isso entra em choque com categorias “para sempre” e “único” da ideia de amor romântico. A “sociedade separada e divorciada” de hoje aparece aqui mais como um efeito de emergência do amor confluyente do que como sua causa. Quanto mais o amor confluyente consolida-se em uma possibilidade real, mais se afasta da busca da “pessoa especial” e o que mais conta é o “relacionamento especial.” (GIDDENS, p.72, 1993.).

Percebe-se, pela forma que o narrador descreve a mulher madura, afirmando que ela foi à procura de “outros corpos”, que ela representa a figura feminina da sociedade atual em busca não mais da “pessoa especial”, mas sim do “relacionamento especial”, explanado pelo estudioso.

No fragmento em que o narrador relata observar a mulher em diferentes lugares, é que se percebe que ele a descreve num período atual, primeiramente porque ele a vê numa fila de banco, coisa que até certo período não era tarefa feminina, já que não faz tanto tempo que as mulheres entraram no mercado de trabalho, além disso, ele também a surpreende andando por entre as ruas do camelô, mais uma marca que prova que se narra uma situação atual, ainda que esta esteja na memória do narrador, que não define com exatidão quem é esta mulher, o que deixa claro, mais uma vez ao leitor de que se representa o comportamento da figura feminina de uma maneira geral.

O narrador desta crônica demonstra ser um homem que está muito bem preparado para lidar com as atitudes próprias de mulheres de uma sociedade que passou e ainda passa por transformações, pois o tempo todo faz comparações entre a mulher adolescente e a madura, como se quisesse comprovar certa preferência pela segunda, justamente por sua experiência sexual: “O corpo da mulher madura é um corpo que já tem história... Seu corpo não é como na adolescência uma pura e agreste possibilidade.”. (SANT’ANNA, p. 10, 1986.).

Esta preferência pela mulher mais experiente é vista desde o início da crônica em que se percebe a tendência que o narrador adquiriu em observar com admiração a mulher madura, como se ele tivesse a enquadrado: “O Rosto da mulher madura entrou na moldura dos meus olhos” (SANT’ANNA, p.9, 1986.).

A maturidade, de acordo com o narrador, é algo visto e complementado pelo outro. Dessa forma, ele tem consciência de que não é possível uma mulher amadurecer sozinha, ou seja, para atingir a maturidade sexual, é necessário que ela tenha se relacionado com outros homens e isso, a ajudou a ser madura, virtude tão apreciada pelo narrador.

Este acredita que o homem deve atingir a maturidade para conseguir enxergar todas as qualidades obtidas por uma mulher que já passou da idade da juventude, fase que, para ele, apesar de ter também seu esplendor, ainda, a mulher por estar em formação não descobriu o “fulgor do próprio corpo”. (SANT’ANNA, p.19, 1986.).

A dificuldade que tem certos homens em aceitar o envelhecimento de suas esposas ou namoradas, também é retratada na crônica pelo fato de o narrador discorrer sobre a mulher experiente como se esta tivesse num nível superior ao de uma jovem e por isso, lamenta que muitos homens não as esperam amadurecer, fato que leva o leitor a entender que a mulher experiente, muitas vezes, é trocada por garotas mais jovens que ao ver do narrador “se esbanjam pernas, braços e bocas ruidosamente”. (SANT’ANNA, p. 9, 1986.).

Dessa forma, na crônica “A Mulher Madura”, retrata-se a nova realidade que homens e mulheres passam no período atual devido às transformações ocorridas no comportamento feminino.

O que se torna interessante pensar é saber que o que impedia as mulheres de agir de uma forma que as igualavam aos homens em suas atividades sexuais era o preconceito sofrido por elas que, anteriormente era muito mais intenso. Na atualidade, ainda que reste um resquício de opressão, tem-se uma forte preocupação que a ideia retrógrada de que a mulher deva se comportar diferente do homem em seus relacionamentos amorosos seja velada.

Mesmo que haja certo preconceito em relação à mulher, seja por causa da conquista de autonomia na profissão, no casamento, no namoro e assim por diante, quase ninguém tem coragem

de assumir. Mas ainda dando enfoque às transformações de relacionamentos amorosos, não só quando se trata de mulher é que se pensa em uma sociedade que está passando por mudanças, mas também se nota uma quantidade significativa de casais homossexuais que gradativamente vem conquistando seu espaço no meio social. Decorrente deste contexto, o conceito de família não é mais aquele que era considerado padrão: pai, mãe e filhos, agora a aceitação do que é família também passou a ser mãe, mãe e filhos; pai, pai e filhos ou apenas mãe e filhos ou pai e filhos.

Assim na crônica *Como namoram os animais*, de Sant'Anna, questões como esta, podem ser abordadas. Durante toda a narração se observa uma comparação entre o ser humano e os animais começando pelo título que não é como se reproduzem os animais, ou como se cruzam os animais, mas o verbo escolhido para nomear a crônica é namorar, ato praticado pelo homem.

Não se sabe então, se este verbo tem o sentido de humanizar os animais ou animalizar os homens, já que a forma que os dois seres se comportam sexualmente é muito semelhante, segundo o narrador e para ele: “O amor, tanto quanto a fome, humaniza os animais e zoormifica os homens”. (SANT'ANNA, p.12, 1986.). Essa afirmação se apóia também a partir da comparação feita por ele ao observar que namorar é uma coisa antiga, tanto para o ser humano quanto para os animais, e que ambos têm em comum o ritual para praticar o sexo: “E o que encanta é ver como tanto entre os animais quanto entre os humanos o ritual é fundamental.” (SANT'ANNA, p. 12, 1986.).

O interessante, nesta crônica, é a maneira que o narrador expõe não só as semelhanças entre os dois seres, mas também as diferenças, sendo estas, o fato de o homem ter passado por mudanças em relação à sexualidade, enquanto os animais nunca modificaram seus comportamentos.

A partir deste ponto de vista, o leitor passa a entender o porquê da escolha do verbo namorar para descrever a sexualidade dos animais com o intuito de humanizá-los. Devido a eles nunca terem mudado suas maneiras de “amar”, pode-se concluir que, nessas relações, os animais estão muito mais evoluídos que os homens, já que só agora estão passando por transformações no que se refere aos relacionamentos amorosos, portanto, esta crônica também retrata a sociedade que está passando por um período de transição.

Assim, desde quando começou o mundo, os animais “namoram” sem ter a preocupação de procriar ou não, os homens, no entanto, só passaram a ter relações sexuais sem a pretensão de procriar com o surgimento da pílula, que deu condições a eles de poderem praticar o sexo somente pelo prazer, assim como ocorre no mundo animal, já que os seres irracionais buscam satisfazer seus instintos sem ter consciência das conseqüências que isso pode acarretar, como por exemplo, a chegada de um filhote. Esta mudança evolutiva humana é bem retratada na crônica: “Entre nós as

coisas andaram mudando muito nesses vinte anos por causa da pílula.” (SANT’ANNA, p.12, 1986.).

Ao longo da crônica, o narrador descreve como é feito o ritual amoroso de alguns animais, podendo-se observar que todos eles se assemelham muito com a maneira que dos humanos se relacionarem.

A coreografia feita pelos faisões se aproxima do comportamento dos homens quando se empenham em fazer galanteios, em demonstrar suas habilidades para conseguir conquistar a mulher desejada, enquanto as fêmeas desempenham um papel parecido com o das garotas quando estão sendo paqueradas, elas, por sua vez, decidem se vão aceitar o cortejo ou não e, caso a conquista aconteça, o macho que pode ser comparado ao homem, trabalha para mantê-la interessada.

O narrador descreve os pombos ao demonstrar interesse uns pelos outros, ou seja, os machos pelas fêmeas e vice versa, de tal forma, que as aves se assemelham com o comportamento humano. No momento em que estão reunidos, por exemplo, numa festa ou num clube, homens e mulheres se juntam, justamente com o objetivo de encontrar parceiros do sexo oposto: “Aí os machos ficam durante muito tempo competindo e se exibindo (...) as pombas (...) ficam ali passeando diante deles como se estivessem passando em revista a tropa (...)” (SANT’ANNA, p. 13, 1986.).

Outro trecho interessante da crônica é a descrição que faz o narrador do ato amoroso entre os corvos, de modo que se pode observar que entre eles também ocorre o amor confluyente, já que de acordo com a teoria de Giddens, este tipo de amor não se restringe à heterossexualidade.

Assim, na crônica é demonstrado que as fêmeas na falta de um macho mantém um relacionamento homossexual: “se há carência de macho, as fêmeas ritualizam entre si o seu incontido amor. (SANT’ANNA. P.12, 1986.). Neste trecho, se percebe que entre os animais a heterossexualidade ou a homossexualidade são práticas normais. Essa naturalidade própria dos animais, já nem sempre ocorre na relação humana, pois, como afirma Giddens, por um longo período os casais do mesmo sexo eram vistos como indivíduos que sofriam de doenças patológicas.

Enquanto, desde a antiguidade, os animais mantêm relacionamentos homossexuais de forma natural, o homem, embora também em grande porcentagem seja adepto desde os tempos bíblicos, está inserido num meio social que, de acordo com a teoria de Giddens, passou por um processo de transformação e aceitação. Sabe-se que apesar da conquista de certa liberdade, a ausência de preconceito vinda dos heterossexuais em relação aos homossexuais ainda não é completa.

Dessa forma, pode-se afirmar que diante destas transformações ocorridas nas relações amorosas, o ser humano tem aprendido a aceitar as diferenças, percebendo que cada indivíduo tem suas preferências e faz suas escolhas:

Hoje em dia a “sexualidade” tem sido descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante variados. É algo que cada um de nós “tem”, ou cultiva, não mais uma condição natural que um indivíduo aceita como um estado de coisas preestabelecido. De algum modo, que tem que ser investigado, a sexualidade funciona como um aspecto maleável do eu, um ponto de conexão primário entre o corpo, a auto-identidade e as normas sociais. (Giddens, p.25, 1986.).

Ao se observar, portanto, a descrição do ritual amoroso dos gansos exposto na crônica, se percebe uma grande semelhança com o que é praticado pela maioria dos humanos. Os gansos, segundo o narrador, são adeptos da monogamia, mas o interessante é saber que, assim, como o homem dentro da sociedade age de acordo com determinado padrão, a regra dos gansos é que, caso eles fiquem viúvos, são liberados para viver um triângulo amoroso para reconquistar ascensão social que haviam perdido com a viuvez: “como os gansos vivem numa sociedade complexa, depois de uma grande perda amorosa podem experimentar também uma relação triangular.” (SANT’ANNA, p.14, 1986.).

Outro ritual do reino animal descrito na crônica que se aproxima muito com o dos humanos, é o praticado pelos caranguejos que cavam uma casinha para que eles possam se amar às escondidas “como a dizer ‘enfim sós’”, exatamente como fazem os homens que se escondem no quarto para praticar seus atos amorosos.

Dessa maneira, chega-se à conclusão que mesmo que ainda reste um rastro de preconceitos em relação à liberdade da mulher ou dos homossexuais, a sociedade está a caminho de entender e aceitar que cada indivíduo tem o direito de fazer suas escolhas sexuais.

Ao se analisar as duas crônicas de Sant’Anna tem-se a oportunidade de se refletir sobre o que está ocorrendo na sociedade atual. Mulheres buscam cada dia mais seu direito à liberdade, principalmente, em relação ao direito de escolha de um ou quantos parceiros forem necessários para que se sintam realizadas sexualmente ou amorosamente.

A mesma liberdade é buscada por cada indivíduo que deve ter o direito de escolha. Muitos têm o desejo de se casar e conservar a fidelidade, assim como fazem os gansos citados na crônica de Sant’Anna, outros não pensam nessa possibilidade e querem viver uma vida de eterno namoro e, outros ainda, só se sentem realizados no amor quando se envolvem como indivíduos do mesmo sexo.

Dessa forma, pode-se pensar que assim como foi descrito na crônica “Como namoram os animais”, cada espécie tem um ritual diferente para se amar, os homens também têm o seu rol de convivência de modo que interagem com pessoas que têm a mesma afinidade.

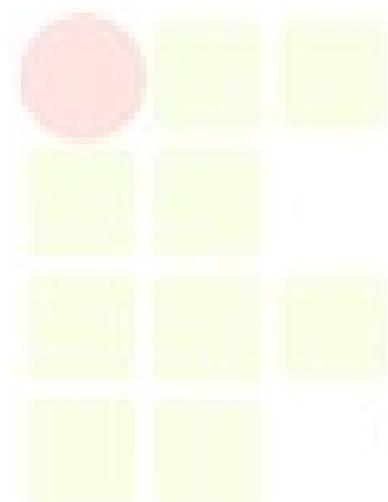
Em meio a uma sociedade que está em constante transformação os indivíduos devem aprender a aceitar as diferenças de cada um não só em relação à sexualidade, mas também independente de cor, raça, profissão e assim por diante.

Referências Bibliográficas

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *A Mulher Madura*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco. 1986.

GIDDENS, Anthony. *As transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1993.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós modernidade*. 3 ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA